

Destino de excepcionais ainda é incógnita

Custódio Coimbra

Mãe se angustia por não ter onde deixar sua filha

ELAINE RODRIGUES

Desempregada, sozinha e com duas filhas para criar, Ivone Matias Santana, de 23 anos, vai passar o fim de semana com o coração apertado. Mãe de Gilmara, de 8 anos, internada há um ano no Centro Educacional Professor Deolindo Couto, na Usina, ela não tem onde deixar a menina se o local for interditado. Ontem, não havia ninguém da direção do Centro para dar explicações às mães sobre as denúncias de irregularidades.

Na segunda-feira, o Conselho Regional de Medicina encaminhará o pedido de interdição à Secretaria estadual de Saúde, com base na precariedade do atendimento dado às 200 crianças ali internadas, como foi constatado em vistoria feita na sexta-feira. A direção do Centro alegou que os recursos repassados pela LBA, Feeem e laserj são insuficientes.

Ivone, que não ganha sequer um salário, diz que, se pudesse,



Ivone, depois de pegar Gilmara (à esquerda), caminha preocupada

cuidaria de Gilmara em casa — mas aí não teria como trabalhar. Morando em Quintino, num quarto com apenas uma cama e um fogão, ela faz questão de passar o fim de semana com a filha excepcional. Para chegar à Usina, tem de pegar

duas conduções. Gilmara, que nasceu com má formação cerebral, só retorna ao Centro na segunda-feira à tarde — dia que a mãe reserva para lhe dar atenção integral, enquanto a irmã Jaciara, de 4 anos, fica na creche comunitária.